

UNIFESP 2015

GABARITO OFICIAL

Versão 1

Língua Portuguesa

1. E	2. E	3. D	4. A	5. B	6. E	7. C	8. B	9. D	10. E
11. C	12. A	13. D	14. E	15. C	16. C	17. B	18. C	19. A	20. E
21. D	22. E	23. A	24. D	25. B	26. D	27. C	28. B	29. A	30. D

Língua Inglesa

31. B	32. C	33. E	34. B	35. C	36. A	37. D	38. C	39. D	40. B
41. A	42. E	43. B	44. E	45. A					

Português – Mantendo o padrão

Prova equilibrada abordando os vários aspectos da língua e da literatura. Manteve o padrão de ser longa, mas sem dificuldade para os candidatos bem preparados.

Inglês – Prova difícil

A escolha de textos seguiu o padrão já consagrado pela instituição. Porém, questões com enunciados em inglês exigiram do candidato um excelente domínio de vocabulário, inclusive de palavras raras e formais.

QUESTÃO 1



(Folha de S.Paulo, 30.09.2014. Adaptado.)

Considerando-se a situação de comunicação entre Garfield e seu dono, a frase, em linguagem coloquial, que preenche o balão do último quadrinho é:

- a) Tenho de saboreá-lo bem?
- b) Devo saborear a ele muito bem?
- c) Convém que eu o saboreie bem?
- d) Saboreá-lo-ei muito bem?
- e) Eu tenho de saborear bem ele?

alternativa E

O uso do pronome reto em posição de objeto direto é típico da linguagem coloquial.

Leia o texto para responder às questões de números 02 a 04.

A palavra falada é um fenômeno natural; a palavra escrita é um fenômeno cultural. O homem natural pode viver perfeitamente sem ler nem escrever. Não o pode o homem a que chamamos civilizado: por isso, como disse, a palavra escrita é um fenômeno cultural, não da natureza mas da civilização, da qual a cultura é a essência e o esteio.

Pertencendo, pois, a mundos (mentais) essencialmente diferentes, os dois tipos de palavra obedecem forçosamente a leis ou regras essencialmente diferentes. A palavra

falada é um caso, por assim dizer, democrático. Ao falar, temos que obedecer à lei do maior número, sob pena de ou não sermos compreendidos ou sermos inutilmente ridículos. Se a maioria pronuncia mal uma palavra, temos que a pronunciar mal. Se a maioria usa de uma construção gramatical errada, da mesma construção teremos que usar. Se a maioria caiu em usar estrangeirismos ou outras irregularidades verbais, assim temos que fazer. Os termos ou expressões que na linguagem escrita são justos, e até obrigatórios, tornam-se em estupidez e pedantaria, se deles fazemos uso no trato verbal. Tornam-se até em má-criação, pois o preceito fundamental da civilidade é que nos conformemos o mais possível com as maneiras, os hábitos, e a educação da pessoa com quem falamos, ainda que nisso faltemos às boas maneiras ou à etiqueta, que são a cultura exterior.

(Fernando Pessoa. *A língua portuguesa*, 1999. Adaptado.)

QUESTÃO 2

Em sua argumentação, o autor estabelece que

a) a palavra escrita se espelha na palavra falada. Dessa forma, a boa comunicação implica reconhecer que fala e escrita são de mesma natureza.

b) as diferenças entre fala e escrita são muitas. Dessa forma, a boa comunicação está relacionada ao valor cultural da linguagem.

c) o fenômeno cultural está contido no natural. Dessa forma, a boa comunicação diz respeito ao uso que cada pessoa faz, de acordo com as necessidades cotidianas.

d) os fenômenos naturais precedem os culturais. Dessa forma, a boa comunicação depende de ajustar aqueles às especificidades destes.

e) fala e escrita são domínios distintos. Dessa forma, a boa comunicação implica conhecer e empregar os recursos específicos de cada um deles.

alternativa E

Conforme o texto: “Pertencendo, pois, a mundos (mentais) essencialmente diferentes, os dois tipos de palavra obedecem forçosamente a leis ou regras essencialmente diferentes.”

QUESTÃO 3

De acordo com o autor, “ao falar, temos que obedecer à lei do maior número”. Atendendo a esse princípio, para o português oral contemporâneo, está adequado o enunciado:

- a) Olvidei-me de trazer seu livro. Assistia a um filme deveras interessante. Você não se sente chateado por isso, não é mesmo?
- b) Caso assistisse a um filme e esquecesse teu livro... Sentir-te-ias magoado com esse meu comportamento?
- c) Cara, @#&*...! Demorô!!! O fdm nem tchum... E pá... ☺ E o livro... Nem... ☹ Que m***a!!!
- d) Me esqueci de trazer seu livro, porque fiquei assistindo um filme. Cê não tá chateado por causa disso, né?
- e) Nós ia lê o livro na aula, mais fiquei veno TV, sistino um firme e isquici dele. Ocê tá chateado cumigu não né?

alternativa D

O uso de próclise no início de frase, a ausência da preposição “a” após o verbo “assistindo”, a contração do termo “você” e a presença de marcas de interlocução como “né” tornam o enunciado adequado ao uso do português oral contemporâneo.

QUESTÃO 4

Assinale a alternativa cujo enunciado atende à norma-padrão da língua portuguesa.

- a) Durante a leitura do livro, surgiram várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causou muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.
- b) Durante a leitura do livro, ficou várias dúvidas. O enredo e a temática abordados,

que causou muita polêmica, mostrou a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.

- c) Durante a leitura do livro, houve várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causou muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.
- d) Durante a leitura do livro, ficaram várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que causou muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.
- e) Durante a leitura do livro, houveram várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causou muita polêmica, mostrou a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.

alternativa A

Corrigindo as demais:

- b) “.. ficaram várias dúvidas (...) mostraram a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses...”
- c) “Vislumbraram-se...”
- d) “Vislumbraram-se...”
- e) “.. houve várias dúvidas (...) mostraram...”

QUESTÃO 5

Leia o poema de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa.

Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade
De rosas –
Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tão cedo!
Coroai-me de rosas
E de folhas breves.
E basta.

(As múltiplas faces de Fernando Pessoa, 1995.)

O tema tratado no poema é a

- a) necessidade de se buscar a verdadeira razão para uma vida plena.
- b) fugacidade do tempo, remetendo à ideia de brevidade da vida.

- c) busca pela simplicidade da vida, representada pela natureza.
- d) brevidade com que o verdadeiro amor perpassa a vida das pessoas.
- e) rapidez com que as relações verdadeiras começam e terminam.

alternativa B

O poema explora a temática da brevidade da vida representada pela percepção do sujeito poemático de que sua “*fronte [está] a apagar-se / Tão cedo,*” ou seja, aponta para a passagem do tempo.

QUESTÃO 6

É preciso ler esse livro singular sem a obsessão de enquadrá-lo em um determinado gênero literário, o que implicaria em prejuízo paralisante. Ao contrário, a abertura a mais de uma perspectiva é o modo próprio de enfrentá-lo. A descrição minuciosa da terra, do homem e da luta situa-o no nível da cultura científica e histórica. Seu autor fez geografia humana e sociologia como um espírito atilado poderia fazê-las no começo do século, em nosso meio intelectual, então avesso à observação demorada e à pesquisa pura. Situando a obra na evolução do pensamento brasileiro, diz lucidamente o crítico Antonio Candido: “Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, esta obra assinala um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior).”

(Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*, 1994. Adaptado.)

O excerto trata da obra

- a) *Capitães da areia*, de Jorge Amado.
- b) *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo.
- c) *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.
- d) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- e) *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

alternativa E

A obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, fala sobre a Guerra de Canudos, fazendo uma intersecção entre o jornalismo, a sociologia, a história e a literatura. Divide-se em três partes: “A terra;” “O homem” e “A luta.” Assim, é claro que o crítico está se referindo ao livro, ao dizer: “A descrição minuciosa da terra, do homem e da luta situa-o no nível da cultura científica e histórica.”

Leia o poema para responder às questões de números 07 a 09.

Mau despertar

Saio do sono como
de uma batalha
travada em
lugar algum

Não sei na madrugada
se estou ferido
se o corpo
tenho
riscado
de hematomas

Zonzo lavo
na pia
os olhos donde
ainda escorrem
uns restos de treva

(Ferreira Gullar. *Muitas vozes*, 2013.)

QUESTÃO 7

A leitura do poema permite inferir que

- a) o despertar do eu lírico apaga as más lembranças da madrugada.
- b) a noite é problema para o eu lírico, perturbado mais física que mentalmente.
- c) o eu lírico atribui o seu mau despertar a uma noite de difícil sono.
- d) o eu lírico encontra na noite difícil uma forma de enfrentar seus medos.
- e) o mau despertar acentua as feridas e as dores que perturbam o eu lírico.

alternativa C

O mau despertar apontado no título do poema se refere às impressões de ferimentos e hematomas provocadas pela noite de difícil sono, em alusão a “uma batalha / travada em / lugar algum”.

QUESTÃO 8

Analisando-se as três estrofes do poema, atribui-se a cada uma os seguintes sentidos, respectivamente,

- a)** a lembrança do sono – as consequências do mau sono – a libertação da noite mal dormida.
b) a consciência do despertar – as hipóteses acerca do sono – a tentativa de se restaurar.
c) a expectativa com o despertar – a certeza da noite mal dormida – a certeza de um dia ruim.
d) a causa do sono conturbado – a possibilidade de recuperação – a ansiedade pela melhora.
e) a renovação ao despertar – a possibilidade de enfrentar o mau sono – a busca por um dia melhor.

alternativa B

A consciência do despertar pode ser notada no primeiro verso do poema: “saio do sono.” Na segunda estrofe, a repetição do termo “se” cria uma sequência de hipóteses. Por fim, na terceira estrofe, o ato de lavar os olhos “donde / ainda escorrem / uns restos de trevas” representa uma tentativa do eu lírico de se recuperar da noite de difícil sono.

QUESTÃO 9

Assinale a alternativa em que a reescrita dos versos altera o sentido original do texto.

- a)** “Não sei na madrugada / se estou ferido” → não sei se ferido estou na madrugada
b) “se o corpo / tenho / riscado / de hematomas” → se de hematomas tenho o corpo riscado
c) “ainda escorrem / uns restos de treva” → uns restos de treva escorrem ainda

d) “travada em / lugar algum” → travada em algum lugar

e) “Saio do sono como / de uma batalha” → do sono saio como de uma batalha

alternativa D

A reescrita do verso sofre alteração, uma vez que a expressão “lugar algum” significa nenhum lugar; ao passo que “algum lugar” aponta para uma indefinição, ou seja, qualquer lugar.

QUESTÃO 10

Ciência explica _____.
 Testes mostram que _____ de Leonardo da Vinci está sumindo

(www.uol.com.br, 05.06.2014.
 Adaptado.)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa e com o Novo Acordo Ortográfico, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com:

- a)** por que – auto-retrato.
b) porque – auto-retrato.
c) porquê – autorretrato.
d) por que – auto retrato.
e) por quê – autorretrato.

alternativa E

- “Ciência explica” a razão pela qual: por quê (com acento gráfico, pois é a última palavra da frase); “que” tônico.
- Após a nova reforma ortográfica, autorretrato se escreve junto, sem hífen, com a letra “r” dobrada.

Leia o texto para responder às questões de números 11 a 15.

Você conseguiria ficar 99 dias sem o Facebook?

Uma organização não governamental holandesa está propondo um desafio que muitos poderão considerar impossível: ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no Facebook. O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe da rede social.

O projeto também é uma resposta aos experimentos psicológicos realizados pelo próprio *Facebook*. A diferença neste caso é que o teste é completamente voluntário. Ironicamente, para poder participar, o usuário deve trocar a foto do perfil no *Facebook* e postar um contador na rede social.

Os pesquisadores irão avaliar o grau de satisfação e felicidade dos participantes no 33.º dia, no 66.º e no último dia da abstinência.

Os responsáveis apontam que os usuários do *Facebook* gastam em média 17 minutos por dia na rede social. Em 99 dias sem acesso, a soma média seria equivalente a mais de 28 horas, que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”.

(<http://codigofonte.uol.com.br>. Adaptado.)

QUESTÃO 11

De acordo com os pressupostos da campanha holandesa, o usuário do *Facebook*

- a) supera as suas barreiras emocionais na rede social e garante uma existência com mais felicidade.
- b) vivencia experiências únicas na rede social e a tem como forma de ser mais equilibrado emocionalmente.
- c) gasta tempo na rede social e deixa de se dedicar a momentos mais significativos em sua vida.
- d) emprega o seu tempo na rede social para trabalhar a emoção e entender melhor suas questões de vida.
- e) dedica um tempo exíguo à rede social e tem pouca motivação para atividades mais realizadoras.

alternativa C

Segundo os responsáveis pelo desafio, ao final de 99 dias sem acesso, os usuários teriam economizado 28 horas e poderiam utilizá-las de forma mais significativa.

QUESTÃO 12

Uma informação possível de se concluir da leitura do texto é:

- a) O *Facebook* realizou experimentos psicológicos sem o consentimento de seus usuários.
- b) Os usuários do *Facebook* sentem-se mais felizes quando não acessam a rede social.
- c) Os estudos da ONG holandesa têm o propósito de criar uma nova rede social.
- d) O tempo gasto na rede social potencializou perturbações psicológicas em seus usuários.
- e) O grau de satisfação e felicidade de uma pessoa independe de seu estado emocional.

alternativa A

Segundo o texto, “A diferença neste caso é que o teste é completamente voluntário”, o que sugere que os experimentos feitos pelo Facebook não tiveram consentimento.

QUESTÃO 13

Examine as passagens do primeiro parágrafo do texto:

- “**Uma** organização não governamental holandesa está propondo um desafio”
- “O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe **da** rede social.”

A utilização dos artigos destacados justifica-se em razão

- a) da retomada de informações que podem ser facilmente depreendidas pelo contexto, sendo ambas equivalentes semanticamente.
- b) de informações conhecidas, nas duas ocorrências, sendo possível a troca dos artigos nos enunciados, pois isso não alteraria o sentido do texto.
- c) da generalização, no primeiro caso, com a introdução de informação conhecida, e da especificação, no segundo, com informação nova.
- d) da introdução de uma informação nova, no primeiro caso, e da retomada de uma informação já conhecida, no segundo.
- e) de informações novas, nas duas ocorrências, motivo pelo qual são introduzidas de forma mais generalizada.

alternativa D

Em “Uma organização não governamental holandesa está propondo um desafio”, a passagem introduz uma informação nova,

sobretudo por estar na primeira linha do texto; em “felicidade dos usuários longe da rede social”, o artigo faz clara alusão ao Facebook, termo anteriormente referido pelo site.

Considere os enunciados a seguir para responder às questões de números 14 e 15.

- [...] ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no Facebook. (1.º parágrafo)
- [...] que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”. (4.º parágrafo)

QUESTÃO 14

Nos dois trechos, utilizam-se as aspas, respectivamente, para

- indicar o sentido metafórico e marcar a fala coloquial.
- ênfatisar o discurso direto e marcar uma citação.
- marcar o sentido pejorativo e enfatizar o sentido metafórico.
- assinalar a ironia e indicar a fala de uma pessoa.
- realçar o sentido do substantivo e indicar uma transcrição.

alternativa E

Em “olhadinha” as aspas funcionam para demarcar tanto a velocidade do ato quanto seu caráter proibitivo. Já em “atividades emocionalmente mais realizadoras” as aspas são utilizadas para marcar a opinião dos responsáveis pelo desafio.

QUESTÃO 15

Analisando-se o emprego e a estrutura das palavras “olhadinha” e “emocionalmente”, é correto afirmar que os sufixos nelas presentes indicam, respectivamente, sentido de

- morosidade e intensidade.
- modo e consequência.
- rapidez e modo.
- intensidade e causa.
- afeto e tempo.

alternativa C

O sufixo -inha imprime a ideia de leveza, rapidez – trata-se de um olhar “por cima”, “rápido”. O sufixo -mente indica o modo como as atividades devem ser encaradas.

QUESTÃO 16

Analise a capa de um folder de uma campanha de trânsito.



**Criança no trânsito.
Eu cuido, eu respeito.**



Explicitando-se os complementos dos verbos em “Eu cuido, eu respeito.”, obtém-se, em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa:

- Eu a cuido, eu respeito-lhe.
- Eu cuido dela, eu lhe respeito.
- Eu cuido dela, eu a respeito.
- Eu lhe cuido e respeito.
- Eu cuido e respeito-a.

alternativa C

- Cuidar é verbo transitivo indireto regido pela preposição de (que se combina com o pronome reto ela: “dela”).
- Respeitar é verbo transitivo direto e recebe o pronome oblíquo a como objeto direto.

Leia o texto para responder às questões de números 17 a 21.

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos: nada podendo já esperar e coisa alguma desejando – eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência.

Talvez não me acreditem. Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa. O meu interesse hoje em gritar que não assassinei Ricardo de Loureiro é nulo. Não tenho família; não preciso que me reabilitem. Mesmo quem esteve dez anos preso, nunca se reabilita. A verdade simples é esta.

E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: “Mas por que não fez a sua confissão quando era tempo? Por que não demonstrou a sua inocência ao tribunal?”, a esses responderei: – A minha defesa era impossível. Ninguém me acreditaria. E fora inútil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido... Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vira envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro – um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ânsia foi pois de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.

De resto, o meu processo foi rápido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente... E todas as simpatias estavam do meu lado.

O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um “crime passionnal”. *Cherchez la femme**. Depois, a vítima um poeta – um artista. A mulher romantizara-se desaparecendo. Eu era um herói, no fim de contas. E um herói com seus laivos de mistério, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes. E a minha pena foi curta.

Ah! foi bem curta – sobretudo para mim... Esses dez anos esvoaram-se-me como dez meses. É que, em realidade, as horas não podem mais ter ação sobre aqueles que viveram um instante que focou toda a sua vida. Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer. Vibradas as sensações máximas, nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os *mortos-vivos*, ou – apenas – os *desencantados* que, muita vez, acabam no suicídio.

* *Cherchez la femme*: Procurem a mulher.

(Mário de Sá-Carneiro. *A confissão de Lúcio*, 2011.)

QUESTÃO 17

No texto, o narrador sugere que tinha sido condenado por um crime

- praticado pelo poeta, de quem tomou a responsabilidade para que este pudesse fugir com a mulher amada, isento de culpa.
- motivado por questões amorosas, sobre o qual não emitiu um posicionamento claro que negasse ou confirmasse a sua culpa.
- ocorrido acidentalmente, fruto da percepção equivocada de que o poeta estaria em um romance proibido com a sua mulher.
- praticado pela esposa do artista, a quem acreditava que deveria recair a pena, mas não dispunha de provas suficientes para poder incriminá-la.
- marcado pelo mistério, que teve como vítimas o poeta e a mulher, e que contou com uma defesa confusa e permeada de inconsistências.

alternativa B

Conforme o 4º parágrafo, o narrador “nem negava nem confessava” o crime, que era “como devem ter dito os jornais do tempo, um ‘crime passionnal’”.

QUESTÃO 18

No primeiro parágrafo, afirma-se: “eu venho fazer enfim a minha confissão”. Tal confissão se materializa textualmente em

- a) uma argumentação confusa, com oscilação dos tempos verbais entre presente, passado e futuro, relacionados a situações da vida do narrador.
- b) uma narrativa objetiva, com predomínio de verbos nos tempos passado e presente, relacionados a situações conhecidas do narrador.
- c) uma narrativa subjetiva, com predomínio de verbos no tempo passado, relacionados a situações das quais participou o narrador.
- d) uma argumentação racional, com predomínio de verbos no tempo presente, relacionados a situações analisadas pelo narrador.
- e) uma descrição pessoal, com predomínio de verbos no tempo presente, relacionados a situações que marcaram a existência do narrador.

alternativa C

Com forte marca pessoal (subjetividade), Lúcio narra os acontecimentos que envolveram sua prisão, ocorrida dez anos antes. Há, no texto, o predomínio de verbos no tempo passado.

QUESTÃO 19

Segundo o narrador afirma, a prisão lhe serviria para

- a) amenizar os transtornos pessoais que arruinaram a sua existência.
- b) mostrar a todos que estava sendo injustiçado e que deveriam rever o caso.
- c) coroar a sua existência de erros e desacerdos, impossível de ser recomposta.
- d) reverter a seu favor a simpatia do júri e ter um novo julgamento em breve.
- e) colocá-lo em equilíbrio com a justiça dos homens e a justiça divina.

alternativa A

Segundo o texto:

“Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vi envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente.”

QUESTÃO 20

Observe as passagens do texto:

- **“Decerto que não me acreditam.”** (2.º parágrafo)

- **“E um herói com seus laivos de mistério”** (5.º parágrafo)

- **“nada já nos fará oscilar.”** (6.º parágrafo)

No contexto em que estão empregados, os termos em destaque significam, respectivamente,

- a) ocasionalmente – vestígios – transformar.
- b) possivelmente – marcas – afastar.
- c) eventualmente – características – mudar.
- d) imperiosamente – tipos – descobrir.
- e) certamente – indícios – variar.

alternativa E

Por sinonímia, nota-se a seguinte relação:

“Decerto” = certamente;

“laivos” = indícios;

“oscilar” = variar.

QUESTÃO 21

Quando se quer chamar atenção para o Objeto Direto que precede o verbo, costuma-se repeti-lo. É o que se chama Objeto Direto Pleonástico, em cuja constituição entra sempre um pronome pessoal átono.

(Celso Cunha e Lindley Cintra. *Nova gramática do português contemporâneo*, 2000.)

Verifica-se a ocorrência de objeto direto pleonástico em:

- a) *“As que o viveram ou são, como eu, os mortos-vivos, ou – apenas – os desencantados”*
- b) *“Esses dez anos esvoaram-se-me como dez meses.”*
- c) *“Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes.”*
- d) *“Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem.”*
- e) *“Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer.”*

alternativa D

Trata-se da única alternativa que apresenta um pronome pessoal átono para a retomada de uma expressão anterior: *“este momento culminante” = “o”*.

Para responder às questões de números 22 a 24, leia as opiniões em relação ao projeto de adaptação que visa facilitar obras de Machado de Assis.

Texto 1

Isso é um assassinato e eu endosso. A autora [da adaptação] quer que a Academia se manifeste. Para ela, vai ser a glória. Mas vários acadêmicos se manifestaram. Eu me manifestei. Há temas em que a instituição não pode se baratear. Essa mulher quer que nós tenhamos essa discussão como se ela estivesse propondo a ressurreição eterna de Machado de Assis, como se ele dependesse dela. Confio na vigilância da sociedade. Vamos para a rua protestar.

(Nélida Piñon. <http://entretenimento.uol.com.br>)

Texto 2

É melhor que o sujeito comece a ler através de uma adaptação bem feita de um clássico do que seja obrigado a ler um texto ilegível e incompreensível segundo a linguagem e os parâmetros culturais atuais. Depois que leu a adaptação, ele pode pegar o gosto, entrar no processo de leitura e eventualmente se interessar por ler o Machado no original. Agora, dar uma machadada em um moleque que tem PS3, Xbox, 1000 canais a cabo e toda a internet à disposição é simplesmente burrice.

(Ronaldo Bressane. <http://entretenimento.uol.com.br>)

Texto 3

Não defenderia, jamais, que Secco [autora da adaptação] fosse impedida de realizar seu projeto, mas não me parece que a proposta devesse merecer apoio do Ministério da Cultura e ser realizada com a ajuda de leis que, afinal, transferem impostos para a cultura. Trata-se, na melhor das hipóteses, de ingenuidade; na pior, de excesso de “sagacidade”. Não será a adulteração de obras, para torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes, que irá resolver o problema do acesso a textos literários históricos – mesmo porque, adulterados, já terão deixado de ser o que eram.

(Marcos Augusto Gonçalves.
<http://www.folha.uol.com.br>)

QUESTÃO 22

Em relação à questão da facilitação das obras machadianas, a leitura comparativa dos textos deixa claro que eles

- a) mantêm alguns pontos de concordância, havendo em 3 uma clara evidência de que se deve coibir essa iniciativa.
- b) externam uma visão bastante romantizada, o que se pode confirmar com a defesa que 2 faz do alcance do projeto.
- c) expressam o mesmo ponto de vista, o que pode ser confirmado em 3 pela anuência ao apoio do Ministério da Cultura.
- d) divergem quanto ao apoio financeiro, defendido claramente em 2, velado em 3 e negado veementemente em 1.
- e) apresentam posicionamentos diferentes, sendo que 1 expressa sua ideia de contrariedade de forma bastante radical.

alternativa E

Cada texto revela um posicionamento diferente de seus respectivos autores:

- Texto 1: “Isso [a adaptação] é um assassinato e eu endosso.”
- Texto 2: “É melhor que o sujeito comece a ler através de uma adaptação bem feita...”
- Texto 3: “Não defenderia, jamais, que Secco (...) fosse impedida de realizar seu projeto, mas não me parece que a proposta devesse merecer apoio do Ministério da Cultura...”

Porém, no primeiro texto, a autora é mais radical na defesa de seu ponto de vista: “Vamos para a rua protestar.”

QUESTÃO 23

Examine os enunciados:

- “Vamos **para** a rua protestar.” (Texto 1)
- “Não será a adulteração de obras, **para** torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes” (Texto 3)

O termo “para”, em destaque nos enunciados, expressa, respectivamente, sentido de

- a) movimento e finalidade.
- b) modo e conformidade.

- c) tempo e comparação.
- d) movimento e comparação.
- e) conformidade e finalidade.

alternativa A

“para a rua protestar” denota o direcionamento do verbo intransitivo “ir” (vamos); já “para torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes” indica a finalidade da adulteração de obras.

QUESTÃO 24

Examine a passagem do texto 2:

“e eventualmente se interessar por ler o **Machadão** no original. Agora, dar uma **machadada** em um moleque”

Os dois termos em destaque, derivados por sufixação, reportam a Machado de Assis. Tal recurso atribui aos substantivos, respectivamente, sentido de

- a) pejo e intimidade.
- b) ironia e simpatia.
- c) humor e reverência.
- d) simpatia e ironia.
- e) tamanho e humor.

alternativa D

O sufixo utilizado em “Machadão” pode assumir vários significados, inclusive indicar aproximação e simpatia pela figura de Machado de Assis, o que é adequado ao contexto. Já em “machadada”, o sufixo assume significado irônico, pois indica um grau de violência (golpe com machado) para introduzir na cabeça, à força, o conteúdo elaborado da obra.

QUESTÃO 25

O crítico Massaud Moisés assinala o filosofismo como uma das características de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, romance que inaugura a produção madura de Machado de Assis. Tal filosofismo pode ser identificado na passagem:

- a) “O fundador da minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. Era tanoeiro de

ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria.”

b) “Entre o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o seu sistema era a destruição da dor. A dor, segundo o Humanitismo, é uma pura ilusão. Quando a criança é ameaçada por um pau, antes mesmo de ter sido espancada, fecha os olhos e treme; essa *predisposição*, é que constitui a base da ilusão humana, herdada e transmitida.”

c) “Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos.”

d) “Não houve nada, mas ele suspeita alguma coisa; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez somente, para Nhonhô, depois de o fitar muito tempo, carrancudo. Não me tratou mal nem bem. Não sei o que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Muita cautela, por ora, muita cautela.”

e) “Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce ‘por pirraça’; e eu tinha apenas seis anos.”

alternativa B

De acordo com o Dicionário Houaiss, filosofismo é uma “introdução de considerações filosóficas onde elas não têm cabimento.” É ainda “filosofia sem fundamento, falsa.” No texto da alternativa B, a argumentação do narrador enquadra-se plenamente nessa definição.

QUESTÃO 26

“A pessoa é presa por pirataria – e aí a cadeia mostra filmes piratas?”, denunciou o americano Richard Humphrey, condenado a 29 meses de prisão por distribuir conteúdo

pirateado na internet. O presídio onde ele está, em Ohio, foi pego exibindo uma cópia ilegal do filme *O lobo de Wall Street*.

(*Superinteressante*, julho de 2014.)

A fala do condenado revela

- a) a sua deliberação pessoal para pagar pelas contravenções e lutar contra a pirataria em todos os setores.
- b) a sua vontade de livrar-se da contravenção, o que se torna impossível a ele com a pirataria na prisão.
- c) o seu desencanto com a vida do crime, já que até mesmo na cadeia é obrigado a conviver com a pirataria.
- d) o seu inconformismo com a contradição entre o que se prega como certo e o que se pratica, no caso da pirataria.
- e) a falta de critérios mais específicos para condenar uma pessoa por piratear conteúdos livres da internet.

alternativa D

O pressuposto é que o presídio, por representar a ordem, não deveria usar cópias piratas, realizando uma contravenção, o que leva Richard Humfrey a se indignar.

Leia o trecho do conto “O mandarim”, de Eça de Queirós, para responder às questões de números 27 a 29.

Então começou a minha vida de milionário. Deixei bem depressa a casa de Madame Marques – que, desde que me sabia rico, me tratava todos os dias a arroz-doce, e ela mesma me servia, com o seu vestido de seda dos domingos. Comprei, habitei o palacete amarelo, ao Loreto: as magnificências da minha instalação são bem conhecidas pelas gravuras indiscretas da *Ilustração Francesa*. Tornou-se famoso na Europa o meu leito, de um gosto exuberante e bárbaro, com a barra recoberta de lâminas de ouro lavrado e cortinados de um raro brocado negro onde ondeiam, bordados a pérolas, versos eróticos de Catulo; uma lâmpada, suspensa no interior, derrama ali a claridade láctea e amorosa de um luar de Verão.

[...]

Entretanto Lisboa rojava-se aos meus pés. O pátio do palacete estava constantemente invadido por uma turba: olhando-a enfasiado das janelas da galeria, eu via lá branquejar os peitinhos da Aristocracia, negrear a sotaina do Clero, e luzir o suor da Plebe: todos vinham suplicar, de lábio abjeto, a honra do meu sorriso e uma participação no meu ouro. Às vezes consentia em receber algum velho de título histórico: – ele adiantava-se pela sala, quase roçando o tapete com os cabelos brancos, tartamudeando adulações; e imediatamente, espalmando sobre o peito a mão de fortes veias onde corria um sangue de três séculos, oferecia-me uma filha bem-amada para esposa ou para concubina.

Todos os cidadãos me traziam presentes como a um ídolo sobre o altar – uns odes votivas, outros o meu monograma bordado a cabelo, alguns chinelas ou boquilhas, cada um a sua consciência. Se o meu olhar amortecido fixava, por acaso, na rua, uma mulher – era logo ao outro dia uma carta em que a criatura, esposa ou prostituta, me ofertava a sua nudez, o seu amor, e todas as complacências da lascívia.

Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjetivos dignos da minha grandeza; fui o *sublime Sr. Teodoro*, cheguei a ser o *celeste Sr. Teodoro*; então, desvairada, a *Gazeta das Locais* chamou-me o *extraceleste Sr. Teodoro*! Diante de mim nenhuma cabeça ficou jamais coberta – ou usasse a coroa ou o coco. Todos os dias me era oferecida uma presidência de Ministério ou uma direção de confraria. Recusei sempre, com nojo.

(Eça de Queirós. *O mandarim*, s/d.)

QUESTÃO 27

Ao descrever a sua vida de milionário, o narrador

- a) reconhece que as pessoas se aproximam dele com mais respeito e cautela, fato que o deixa desconfortável, por sua natureza humilde.
- b) sente-se lisonjeado pelo tratamento cerimonioso de que é alvo constante, sobretudo porque as pessoas são honestas em seu proceder.

c) ironiza as relações de interesses decorrentes da sua nova condição social, deixando evidente que as pessoas se humilham perante ele.

d) ignora a forma como os mais pobres o interpelam, pois não consegue identificar os contatos sem interesses monetários.

e) despreza a falta de veneração à sua pessoa, principalmente pelos mais bem nascidos, que não o veem como pertencente à aristocracia.

alternativa C

Dentre outros exemplos que enfatizam a ironia do narrador em relação aos lisboetas, podemos citar o verbo “rojar” (rastejar) em: “Entretanto Lisboa rojava-se aos meus pés”.

QUESTÃO 28

“Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjetivos dignos da minha grandeza; fui o *sublime Sr. Teodoro*, cheguei a ser o *celeste Sr. Teodoro*; então, desvairada, a *Gazeta das Locais* chamou-me o *extraceleste Sr. Teodoro!*”

Nesta passagem do último parágrafo, identifica-se uma

a) hipérbole, por meio da qual o narrador enfatiza a intensidade de atenção recebida da imprensa portuguesa.

b) gradação, por meio da qual o narrador reforça a ideia de bajulação posta em prática pelos jornais portugueses.

c) ironia, por meio da qual o narrador refuta o tratamento que lhe dispensavam os jornalistas portugueses.

d) redundância, por meio da qual o narrador deixa entrever o modo como as pessoas lhe especulavam a vida.

e) antítese, por meio da qual o narrador explica as contradições dos jornais portugueses ao tomarem-no como assunto.

alternativa B

O narrador, por meio de adjetivos dispostos de forma gradativa (sublime – celeste – extraceleste), expressa ironicamente a bajulação da imprensa portuguesa.

QUESTÃO 29

Assinale a alternativa que apresenta uma correta análise de passagem do texto.

a) Em “que, **desde que** me sabia rico, me tratava todos os dias a arroz-doce” (1.º parágrafo), a locução conjuntiva em destaque estabelece relação de tempo entre as orações.

b) Em “e ela **mesma** me servia, com o seu vestido de seda dos domingos” (1.º parágrafo), o termo em destaque pode ser substituído por “mesmo”, sem prejuízo de sentido ao texto.

c) Em “olhando-**a** enfasiado das janelas da galeria” (2.º parágrafo), o pronome em destaque recupera o substantivo “Lisboa”.

d) Em “era logo ao outro dia uma carta **em que** a criatura” (3.º parágrafo), a expressão em destaque pode ser substituída, de acordo com a norma-padrão, por “cuja”.

e) Em “derrama **ali** a claridade láctea e amorosa de um luar de Verão” (1.º parágrafo), o advérbio em destaque recupera a expressão “versos eróticos de Catulo”.

alternativa A

A alternativa A está correta, uma vez que a substituição de “mesma” por mesmo interferiria na concordância nominal com o pronome “ela”; o pronome oblíquo “a” se refere a “uma turba”; e não a “Lisboa”; o pronome relativo “em que” conota lugar e não posse; o advérbio “ali” recupera anaforicamente “leito”.

QUESTÃO 30

Leia o soneto de Cruz e Sousa.

Silêncios

Largos Silêncios interpretativos,
Adoçados por funda nostalgia,
Balada de consolo e simpatia
Que os sentimentos meus torna cativos;

Harmonia de doces lenitivos,
Sombra, segredo, lágrima, harmonia
Da alma serena, da alma fugidia
Nos seus vagos espasmos sugestivos.

Ó Silêncios! ó cândidos desmaios,
Vácuos fecundos de celestes raios
De sonhos, no mais límpido cortejo...

Eu vos sinto os mistérios insondáveis
Como de estranhos anjos inefáveis
O glorioso esplendor de um grande beijo!
(Cruz e Sousa. *Broquéis, Faróis, Últimos Sonetos*, 2008.)

A análise do soneto revela como tema e recursos poéticos, respectivamente:

- a) a aura de mistério e de transcendentalidade suaviza o sofrimento do eu lírico; rimas alternadas e sinestésias se evidenciam nos versos de redondilha maior.
- b) o esforço de superação do sofrimento coexiste com o esgotamento das forças do eu lírico; assonâncias e metonímias reforçam os contrastes das rimas alternadas em versos livres.
- c) a religiosidade como forma de superação do sofrimento humano; metáforas e antíteses reforçam o negativismo da desagregação existencial nos versos livres.
- d) a apresentação da condição existencial do eu lírico, marcada pelo sofrimento, em uma abordagem transcendente; assonâncias e aliterações reforçam a sonoridade nos versos decassílabos.
- e) o apelo à subjetividade e à espiritualidade denota a conciliação entre o eu lírico e o mundo; metáforas e sinestésias reforçam o sentido de transcendentalidade nos versos de doze sílabas.

alternativa D

Revestido de um ar de mistério e buscando romper os limites da própria condição (transcendência), o autor vale-se de recursos poéticos (assonância e aliterações), para sugerir a sacralização de um beijo. Isto em um soneto clássico, em versos decassilábicos, com rimas fixas.

REDAÇÃO

Texto 1

O Senado aprovou nesta quarta-feira (16.04.2014) projeto que veda a doação de empresas ou pessoas jurídicas para cam-

pnhas eleitorais, que atualmente são os maiores doadores de políticos e partidos.

(Gabriela Guerreiro. "Senado acaba com doação de empresas em campanhas eleitorais". www.folha.uol.com.br, 16.04.2014. Adaptado.)

Texto 2

O sistema político brasileiro tem sido submetido a permanente interferência do poder econômico. Na democracia, deve prevalecer a igualdade. O voto de cada cidadão deve ter valor igual. O sistema político em que não há igualdade é aristocrático, não democrático. No passado, apenas a elite econômica podia participar da política, elegendo seus representantes. O chamado "voto censitário" excluía da vida pública amplos setores da sociedade. O processo de democratização levou à abolição do voto censitário, mas ainda não foi capaz de evitar que, por meio de mecanismos formais e informais de influência, a política seja capturada pelo poder econômico.

O financiamento privado de campanhas eleitorais é o principal instrumento formal para que isso ocorra. No sistema brasileiro atual, tanto empresas quanto pessoas físicas podem fazer doações. Evidentemente, os maiores doadores podem interferir de modo muito mais incisivo no processo de tomada das decisões públicas do que o cidadão comum. Grandes empresas podem fazer com que sua agenda de interesses prevaleça no parlamento. O parlamentar que obteve esse tipo de financiamento tende a se converter em um verdadeiro representante de seus interesses junto ao Legislativo e, muitas vezes, ao próprio Executivo. Isto é inevitável no atual sistema, que, com o financiamento privado de campanhas, legitima a conversão do poder econômico em poder político e, por essa via, em direito vigente, de observância obrigatória para todos.

As doações por pessoas jurídicas são totalmente incompatíveis com o princípio democrático. Os cidadãos, não as empresas, são titulares de direitos políticos. Apenas eles, por conseguinte, deveriam poder participar do processo político.

(Sérgio Fisher. "O financiamento democrático das campanhas eleitorais". www.tre-rj.gov.br. Adaptado.)

Texto 3

As relações do poder econômico com a área política despertam um conflito de valores que tracionam em sentidos opostos. Se é certo afirmar que o poder econômico pode interferir negativamente no sistema democrático, favorecendo a corrupção eleitoral e outras formas de abuso, também é certo que não se pode imaginar um sistema democrático de qualidade sem partidos políticos fortes e atuantes, especialmente em campanhas eleitorais, o que, evidentemente, pressupõe a disponibilidade de recursos financeiros expressivos. E, sob esse ângulo, os recursos financeiros contribuem positivamente para a existência do que se poderia chamar de democracia sustentável. Como lembra Daniel Zovatto, “embora a democracia não tenha preço, ela tem um custo de funcionamento que é preciso pagar”.

Eis aí, pois, o grande paradoxo: o dinheiro pode fazer muito mal à democracia, mas ele, na devida medida, é indispensável ao exercício e à manutenção de um regime democrático. É ilusão imaginar que, declarando a inconstitucionalidade da norma que autoriza doações por pessoas jurídicas, se caminhará para a eliminação da indevida

interferência do poder econômico nos pleitos eleitorais.

(Teori Zavascki. “Voto-Vista (Supremo Tribunal Federal)”. www.stf.jus.br. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

O FINANCIAMENTO DE CAMPANHAS ELEITORAIS POR EMPRESAS DEVE SER PROIBIDO?

comentário

Dois dos três textos da coletânea expuseram as opiniões de seus autores sobre a questão de empresas financiarem campanhas eleitorais e, conseqüentemente, interferirem ou não no chamado processo democrático: o de Sérgio Fisher, contra esse financiamento; o do jurista Teori Zavascki, argumentando que, mesmo com a proibição de doações, seria ilusão imaginar-se que não haveria interferência do dinheiro de empresas nas eleições. Com um tema bastante original, a Unifesp exigiu do candidato que se posicionasse e discutisse um dos aspectos mais polêmicos e controversos do cenário político brasileiro. Não se pode qualificá-la como uma proposta fácil!